

A CONCORDÂNCIA DE GÊNERO NO PORTUGUÊS ESCRITO POR ÍNDIOS KARAJÁ: NOVOS DADOS PARA A COMPREENSÃO DAS ORIGENS DO PORTUGUÊS POPULAR BRASILEIRO EM GOIÁS

André Marques do NASCIMENTO¹

RESUMO: Neste trabalho, busca-se analisar aspectos variáveis da concordância de gênero no português escrito por índios Karajá, dos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Acredita-se que a compreensão da origem de determinados fenômenos sociolingüísticos que caracterizam o português popular brasileiro deve, indubitavelmente, contar com a análise acurada do português, adquirido e usado como segunda e/ou primeira língua por grupos indígenas brasileiros, especialmente nas referidas regiões. Assim, este estudo visa correlacionar a concordância variável de gênero com aspectos sociolingüísticos, como o grau e o tempo de contato com o português, bem como elucidar aspectos da configuração estrutural do fenômeno, analisando, para além do sintagma, processos de referência anafórica, contexto favorecedor da variação em questão. Sob a perspectiva teórico-metodológica da Sociolingüística Variacionista, argumenta-se que o fenômeno variável observado é característico de situações de contato entre línguas e que sua ocorrência em variedades do português popular brasileiro não pode ser correlacionada de forma generalizante, ou exclusiva, apenas com línguas de origem africana.

PALAVRAS-CHAVE: Variação; concordância de gênero; português brasileiro; contato lingüístico; índios Karajá

INTRODUÇÃO

O trabalho que ora se apresenta insere-se num projeto de pesquisa mais amplo, intitulado “Elementos para a história lingüística de Goiás: séculos XVIII e XIX”, que visa à reconstrução da história lingüística dessa região, a partir de fontes documentais escritas primárias e secundárias, bem como a partir de avaliações sociais sobre a língua, ou sobre variedades dela, e de ações do Estado em relação à língua (ou línguas). Além disso, objetiva-se com esse plano de trabalho, a busca de evidências históricas que

¹ Doutorando em Letras e Lingüística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da Universidade Federal de Goiás – UFG. Endereço: Rua São Simão, Q. 63, L.01, C. 01, Bairro São Judas, CEP: 74685-570, Goiânia-GO, Brasil. E-mail: marquesandre@yahoo.com.br

elucidem a constituição da realidade sociolingüística sincrônica da região que convencionou-se chamar Goiás.

A motivação principal para a especificidade em relação à história lingüística de Goiás tem como base a idéia de Oliveira (2001, p.417, n. 417), segundo a qual o conceito “português brasileiro”, ou PB, seria por demais generalizante e, por este motivo, poderia suplantar a própria heterogeneidade de uma língua composta pela diversidade. Para este autor, o trabalho em “história da língua” deve se dar num nível que segmente o “português brasileiro” em variedades sócio-históricas menores e mais específicas a fim de que não se corra o risco de estabelecer uma unidade de trabalho homogeneizante (OLIVEIRA, 2001, p. 417-418).

Partindo-se deste pressuposto, e assumindo-se como legítima a variedade do português utilizada por grupos indígenas, primeiros povoadores de Goiás e, ainda hoje, constituidores da feição multicultural deste estado, este estudo, ainda em fase inicial, tem como foco principal a variação na concordância de gênero no português utilizado por índios Karajá, desde muito tempo habitantes da etno-região Araguaia-Tocantins, hoje os estados brasileiros de Goiás, Tocantins e Mato Grosso, e que trazem em sua história as marcas do inevitável contato com o não-índio e, conseqüentemente, com a língua portuguesa.

Conforme Mattos e Silva (2004, p. 20), segundo a qual “há muitas histórias por reconstruir sobre as faces indígena e negra do Brasil e, conseqüentemente, sobre as variantes do PB que aí se veicularam e se veiculam”, acredita-se que a compreensão das características do português usado pelos Karajá seja importante para a elaboração da história lingüística goiana, constituída historicamente por intensos contatos inter-étnicos.

O trabalho com o ensino de português para os alunos Karajá de diferentes origens socioculturais, no âmbito da Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal de Goiás, fez com que se observasse a ocorrência da variação na concordância de gênero em textos escritos por eles e que se intuisse sobre a sistematicidade subjacente ao uso variável desse mecanismo morfossintático. Dessa forma, os resultados apresentados nesta análise inicial têm como base ocorrências oriundas de diversas produções escritas em português para as quais buscar-se-á uma interpretação sociolingüística mais abrangente.

OS GRUPOS KARAJÁ

Os dados analisados neste trabalho são provenientes de produções escritas em português por indígenas de origem Karajá e/ou que com eles mantêm uma relação sócio-histórica de grande proximidade, provenientes das respectivas localidades: Lagoa da Confusão/ TO, Aldeias Santa Isabel do Morro (Hãwãlo) e Fontoura (Bõtõiry); Santa Fé do Araguaia/ TO, Aldeias Xambioá, Kurehê e Wari-Lýtỹ; Formoso do Araguaia/TO, Aldeia São João; Aruanã/GO, Aldeia Buridina e Santa Terezinha/MT, Aldeias Itxala e Hawalora.

Habitantes das margens do rio Araguaia, no extremo oeste de Goiás, e atualmente do Tocantins, desde antes de 1500 (GIRALDIN, 2004, p. 127), o povo Karajá é composto por três grupos, os Javaé, os Xambioá e os Karajá. Cada um deles com sua variante própria da língua Karajá, pertencente ao tronco lingüístico Macro-Jê e à família Karajá. As diversas aldeias desses grupos situam-se próximas aos lagos e afluentes dos rios Araguaia e Javaés e também na Ilha do Bananal.

Referências ao contato com o não índio datam de finais do século XVII (PIMENTEL DA SILVA, 2001a, p. 44), quando começaram a chegar ao vale do Araguaia os bandeirantes vindos de São Paulo, mas é, sobretudo, a partir do século XVIII que se intensificam. No século XIX, com o plano geral de expansão econômica, os povos indígenas tornam-se alvo do projeto de civilização, para serem utilizados como mão-de-obra e deixarem de ser obstáculos ao desenvolvimento da província de Goiás, especialmente na região compreendida entre os rios Araguaia e Tocantins, dado o grande interesse no desenvolvimento da navegação fluvial.

É também no século XIX que são criadas diversas instituições visando à assimilação dos indígenas como força de trabalho. São criados aldeamentos, presídios e colégios com a finalidade de civilizar os indígenas, principalmente através do uso da língua portuguesa.

O caso mais representativo de uma política que visava “à civilização do gentio” da região do Araguaia através da aculturação e da imposição do uso da língua portuguesa foi idealizado pelo brigadeiro Couto de Magalhães, na segunda metade do século XIX, e materializado na fundação do Colégio Isabel (1870) (cf. NASCIMENTO, 2008b), espaço em que se reuniam diversas etnias indígenas e que tinha como principal objetivo a formação de intérpretes bilíngües indígenas para a atuação nas aldeias originárias. Nesse colégio as crianças aprendiam a falar, escrever e ler em português.

Segundo Pimentel da Silva (2000, p. 66-67), no início do século XX, os indígenas começaram a se reunir em grandes aldeias, na ilha do Bananal-TO, controladas por missões evangélicas e pelo Serviço de Proteção ao Índio-SPI, atual FUNAI. Grande parte da população, no entanto, permaneceu em seus locais de origem, ao longo das margens do rio Araguaia.

Quanto às especificidades lingüísticas das comunidades Karajá, Pimentel da Silva (2001b) ressalta:

As comunidades Karajá situadas nos estados do Tocantins e Mato Grosso são, de modo geral, bilíngües. Os homens Karajá, por serem mais letrados e conviverem mais com os não-índios, têm mais necessidade de falar e escrever português do que as mulheres. São eles que participam de reuniões com os não-índios, para garantir seu território e protegê-lo contra invasores. São os homens que participam da política externa, numa tentativa de ter voz nos municípios e nos estados. Mantêm relações comerciais com a sociedade envolvente, seja na venda de artesanato ou peixe, seja na compra de produtos alimentícios e vestuários etc. Participam também de assembléias com outros povos indígenas, fazem cursos para ser professores, agentes de saúde e outros. Em todas essas situações o português é língua franca. Já as mulheres, em sua grande maioria, vivem mais a vida da aldeia, dedicam-se a educar seus filhos, ensinando-lhes os hábitos de sua comunidade, a cultura, a religião, etc. Cuidam de suas casas e de seus maridos. Nessas interações, a língua Karajá é dominante.

Essa mesma pesquisadora informa que no caso de pequenas aldeias situadas distante da ilha do Bananal a língua portuguesa é predominante, como no caso das Aldeias Buridina, em Goiás e Kurehê, no Tocantins (PIMENTEL DA SILVA, 2000, p.67).

As ocorrências aqui analisadas foram produzidas por indígenas de diversas regiões e, acredita-se, estão relacionadas com a diversidade sociocultural desses grupos e com os diferentes graus de contato com a sociedade não indígena.

Conforme Lucchesi (2000, p. 19), “só se registra um nível significativo de variação na concordância de gênero em certas comunidades rurais que passaram por um amplo e profundo contato lingüístico em sua história”. Assim, a análise aqui

apresentada parte da assunção de que a configuração variável observada na realização da concordância de gênero na variedade do português falada pelos índios Karajá, constituidores da história lingüística goiana, seja fortemente influenciada pela língua materna desses grupos, tipologicamente bastante diversa do português, durante o processo de aquisição dessa língua.

O GÊNERO NA LÍNGUA KARAJÁ

De maneira geral, percebe-se que no Karajá não há mecanismos de flexão para a concordância de gênero. A marcação de gênero para nomes (N) com os traços semânticos [+humano] e/ou [+animado] se dá através de itens lexicais, como nos exemplos (1-6) seguintes:

- | | |
|-----------------------------|----------------------------|
| (1) mãe – <i>sèè/nadi</i> | (4) moça – <i>ijadòma</i> |
| (2) pai – <i>waha/tyby</i> | (5) menina – <i>hirari</i> |
| (3) rapaz – <i>weryrybò</i> | (6) menino – <i>weryry</i> |

Nesta língua, a forma não-marcada é a feminina e, quando necessário, itens lexicais dão ênfase ao referente masculino:

- | | |
|--|---|
| (7) <i>Halòèni ilybyre</i> A gata é preta | (11) <i>Halòèni habu ilybyre</i> O gato é preto |
| (8) <i>Haniè idènihikÿreri</i> A galinha está gorda | (12) <i>Haniè habu idènihikÿreri</i> O galo está gordo |
| (9) <i>Òròbi rexydyre</i> A macaca pulou | (13) <i>Òròbi habu rexydyre</i> O macaco pulou |
| (10) <i>Brorèni tèburèrèri</i> A vaca está brava | (14) <i>Brorèni habu tèburèrèri</i> O boi está bravo |

A forma *hawyy* enfatiza referentes [+ animados] femininos.

O paradigma pronominal do Karajá também não apresenta distinção de gênero:

(15) ele/ela – *tii*

(18) irmão dele/irmã dela – *iseriðre*

(16) eles/elas – *tii boho*

(19) Esse/Essa cachorra(o) – *Kaa ijorosa*

(17) meu/minha – *waa-*

Como será visto, acredita-se que as estruturas da língua Karajá influenciam sobremaneira a atualização e a variação dos mecanismos de concordância de gênero no português usado pelos indígenas e que essas estruturas são transferidas também para outros aspectos morfossintáticos do português, como apresentados a seguir:

1- Aspectos morfossintáticos da variedade do português usado pelos Karajá:

1.1 – Uso variável de pronome relativo:

(20) *Morei três anos na cidade de Brasília-DF. Depois retornei na minha aldeia, foi assim Ø aprendi um pouco...* [M. Karajá]

(21) *A primeira coisa Ø aprendi escrever foi vogais normal...* [M. Karajá]

(22) *Não me lembro mais sei Ø muitos anos Ø estudo português...* [I. Karajá]

1.2 - Concordância de gênero variável:

(23) *...**Outro aprendizagem** do português meu pai me mandou para estudar fora da aldeia...*
[M. Karajá]

(24) *... **A língua básico** que usamos dia-a-dia, ou que eu aprende primeiro.* [M. Karajá]

(25) *... Por isso que nós aprendemos fala **a língua português**...* [M. Karajá]

(26) *... Por que é **um língua bastante usado** em nosso estado brasileiro...* [P. Karajá]

(27) *... Por quê, eu aprender para defender os povos indígena no Brasil e também **ao meu comunidade**...* [R. Karajá]

(28) *... Aprender [escrever em português] para mim elabora um documento em alturidade pedido **do comunidade** alguma objeto...* [R. Karajá]

(29) *... Que vemos **vários natureza** linda...* [R. Karajá]

(30) *... pegar **seu precisão** para sua família...* [R. Karajá]

(31) *... mas graça a Deus **esforço minha** cada vez mais estou aprendendo...* [T. Karajá]

(32) ... depois disso encontrava **algum colega** na sala de aula, começava conversar com **ela**...
[W. Karajá]

(33) ... Porque língua portuguesa tem **muitos palavras difícios**... [W. Karajá]

1.3 - Uso variável de artigo definido:

(34) ... Por que na minha escola tem a grade curricular é por isso que aluno é obrigado acompanhar disciplina, essa grade curricular foi feito através da comunidade... [M. Karajá]

(35) ... Aldeia Xambioa, fica localizada no município de Santa Fé do Araguaia... [P. Karajá]

(36) ... agora na aldeia diferente as pessoas usam mais língua materna... [I. Karajá]

(37) ... Aldeia fica 36 quilometro da cidade de Santa Terezinha... [M. Karajá]

1.4 - Uso variável de preposição:

(38) ... **Em dentro** tinha tanto coisa como remédio caseiro, calçado, artesanato, acougue, peixaria etc. ... [M. Karajá]

(39) ... Além disso eu andei **ao dentro** do mercado central observando uma peixaria... [R. Karajá]

(40) ... A minha maior dificuldade **Ø** usar a língua português é do dicionário que é difícil... [M. Karajá]

(41) ... A língua básico que usamos **Ø** dia-a-dia, ou que eu aprende primeiro... [M. Karajá]

(42) ... [Língua portuguesa] Também serve **Ø** meio de comunicação relação não indígena... [W. Karajá]

(43) ... Por quê, eu aprender para defender os povos indígena no Brasil e também **ao** meu comunidade... [R. Karajá]

(44) ... Nós moramos **Ø** lugar onde existe a pescaria, caçada e agricultura... [R. Karajá]

(45) ... estou estudando **de** língua portuguesa em nove anos nas sala de aulas, mais ainda não conseguimos falar português bem ... [W. Karajá]

1.5 - Substituição da 1ª pessoa do singular pela 3ª pessoa do singular:

(46) ... A língua básico que usamos dia-a-dia, ou que **eu aprende** primeiro... [M. Karajá]

(47) ... A língua que eu conheço **eu usa muito**, igualmente a português. [M. Karajá]

(48) ... Por isso que **nós aprendemos fala** a língua português... [M. Karajá]

(49) ... *Agora eu estou escrevendo bem fazendo uma avaliação, relatório e também tou lendo bem um texto. Só que **eu explica pouca**, porque aparece a palavra não desoconhecinda por isso estou encontrando adificuldade para explicar...* [R. Karajá]

(50) ...*Onde **eu habita** tem rio Tapirapé e rio Araguaia que divertimo na praia nesse lugar...*
[R. Karajá]

(51) ... *Desde que **entrou [entrei] na escola de idade 10 ano**...* [T. Karajá]

1.6 - Uso do infinitivo em estruturas finitas:

(52) ... *também temos coisas que **o índio usar**...* [M. Karajá]

(53) ... *temos **duas estradas que dar** acesso as outras aldeias...* [J. Karajá]

(54) ... ***Meu pai é tapirapé e falar só português**...* [W. Karajá]

(55) ... *Pai, também estou com saudade de minha filha, imagina minha saudade, por que **eu amar ela**...* [V. Karajá]

(56) ... *Cuide bem da minha filha (...) eu sei que **minha mãe amar ela** e gosta dela...* [V. Karajá]

(57) ...*Por quê, **eu aprender** para defender os povos indígena no Brasil e também ao meu comunidade...* [R. Karajá]

1.7 – Verbo ser por ter:

(58) ... ***Eu era 8 anos de idades** ...* [T. Karajá]

(59) ... *ante eu não estudava **quando era 10 (dez) anos de idade** depois foi estudar na aldeia mesmo...* [I. Karajá]

(60) ... ***Eu era mais menos 10 ou 11 anos de idade**...* [I. Karajá]

1.8 - Uso variável de cópula:

(61) ... *Português tem gramática, sintaxe, fonética etc. também ela \emptyset registrado. Karajá não tem gramática e não é registrado.* [M. Karajá]

(62) ... *Não porque palavras português \emptyset muito difícil ao escrever...* [I. Karajá]

(63) ... *meu pai, minha mãe \emptyset todos karajá...* [I. Karajá]

1.9 – Alternância na ordem dos constituintes:

(64) ... *Ali que eu moro, aldeia Santa Isabel do Morro, na língua indígena chama Hãwalò, esse nome recebeu por que é alto...* [M. Karajá]

(65) ... *É uma comunidade pequena de 190 mais ou menos população...* [S. Oliveira]

(66) ... *Aprender [escrever em português] para mim elabora um documento em alturidade pedido do comunidade alguma objeto...* [R. Karajá]

(67) ... *língua materna ante que eu aprendiam escreviam...* [W. Karajá]

(68) ... *e primeira minha pergunta foi em cima de caniço...* [R. Karajá]

(69) ... *que está localizado na ilha do Bananal, conhecido como a ilha maior fluvial do mundo...* [M. Karajá]

ANÁLISE EXPLORATÓRIA DA VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA DE GÊNERO NO PORTUGUÊS ESCRITO POR ÍNDIOS KARAJÁ

A análise exploratória inicial teve como intuito verificar se a intuição de uma sistematicidade subjacente ao uso variável da concordância de gênero na variedade do português usada pelos indígenas se confirmava empiricamente, através do instrumental teórico-metodológico da sociolingüística variacionista. Para esse fim, algumas hipóteses foram testadas para a elucidação dos contextos e dos fatores de influência da/na variação.

A definição das variantes dependentes teve por base a oposição de construções com concordância de gênero plenamente realizada *x* concordância não realizada plenamente (em que pelo menos um dos elementos não apresentava as marcas de concordância).

Um primeiro aspecto observado nos textos produzidos pelos Karajá foi a ocorrência da variação em contextos sintáticos diferentes: no interior do sintagma nominal (SN), na relação entre o SN e o predicativo e em relações anafóricas extra-sintagmáticas, como ilustram as ocorrências abaixo:

(70) ... *devido a distribuição desordenada de ricinto [recinto]...* [J. Karajá]

(71) ... e leva **boa conhecimento** para sua comunidade... [R. Karajá]

(71) ... *porque tinha coisa barato*... [M. Karajá]

(72) ... *uma outra pessoa é contratada para fazer os brinquedos*

(72) ... *a farinha é vendido para o comerciante para ser revendido*... [K. Karajá]

(73) ...*entrevistei um comerciante sobre a característica da farinha. Ele me disse, que é plantada no chão, depois de 8 mês ou mais, ela é rancada para colocar de molho dentro d'água, pra amolecer*... [K. Karajá]

(74) ... *A língua português, ele é uma arma para nós porque com ele que nós se defendemos de alguns invasores*... [K. Karajá]

Quanto a estes aspectos, o processamento inicial das 1510 ocorrências apontaram as seguintes frequências, apresentadas nas Tabelas 1 abaixo:

Tabela 1 – Frequência de ocorrências das variantes em função do ambiente sintático

| Ambiente Sintático | Concordância realizada plenamente | Concordância não realizada plenamente | Total de ocorrências/ porcentagens |
|---------------------------------|-----------------------------------|---------------------------------------|------------------------------------|
| Sintagma Nominal | 1225/96% | 57/4% | 1282/ 85% |
| Relação SN – Predicativo | 50/60% | 33/40% | 83/5,4% |
| Relação SN – Retomada anafórica | 119/82% | 26/18% | 145/9,6% |
| TOTAL | 1394/92% | 116/8% | 1510/100% |

Como se observa, a não marcação da variação de gênero é bastante reduzida, atingindo apenas 8% das ocorrências em análise. Uma primeira explicação possível é o fato de os usuários da variedade do português analisada serem todos estudantes universitários e com contato com português durante todo o ensino formal. Muitos destes usuários têm consciência do valor atribuído à variedades mais cultas/formais do português, especialmente na escrita, porque é através delas que se estabelece a comunicação, em âmbito oficial, por exemplo. Os relatos abaixo ilustram essa percepção (cf. NASCIMENTO, 2008a):

Nós da Aldeia Santa Isabel, procuramos aprender a escrever a língua portuguesa, ortografia, gramática, para aprender a fazer os documentos, ofícios, projetos, entre outros. (...) os povos indígenas poderiam conhecer a língua portuguesa, para se defender de diversos problemas, que envolvem a nós, principalmente no mundo de hoje.

Através da escrita do português os indígenas podem esclarecer sobre seus direitos que são garantidos pela Constituição Federal. Os indígenas que não conhecem o português na escrita e verbalmente muitas vezes são passados para trás, enganados. O português é tão importante na vida de um indígena que ele valoriza mais sua cultura e origem, podendo até registrar sua história em livros ou computadores.

No entanto, mesmo com alto grau de monitoramento, característico de atividades escritas, e da consciência do valor social que recai sobre a modalidade escrita formal, registra-se a ocorrência da variação, atribuída ao fato de o fenômeno atuar abaixo do nível de percepção de seus usuários e sob forte influência das estruturas internalizadas da língua materna.

A coesão sintática entre os elementos nos quais recai a concordância de gênero também parece ser um fator relevante. Em termos percentuais, as relações predicativa e anafórica apresentam tendências maiores de não marcação da concordância de gênero.

A escolarização formal desses usuários e o conseqüente contato com variedades mais formais do português escrito parecem atuar de maneira bastante forte na apreensão dos mecanismos de concordância de gênero. O Gráfico 1 abaixo ilustra esta hipótese:

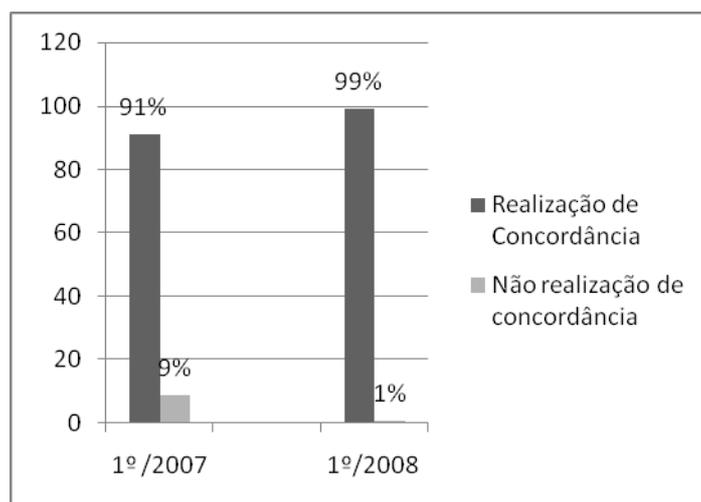


Gráfico 1 – Percentual de realização de concordância de gênero em função do período de escolarização

Como se observa, num período relativamente curto de tempo, um ano letivo, a marcação da concordância de gênero se dá quase de forma categórica, 99% das ocorrências no primeiro semestre de 2008, o que sugere que usuários menos escolarizados, com menor contato com modalidades formais do português escrito, possam apresentar níveis mais elevados de variação. Hipótese a ser observada posteriormente.

Outro aspecto observado foi a ocorrência da variação tanto em SN com núcleos femininos como masculinos:

(75) ... ou fazer **uma pequena desenho** sobre o mercado central... [M. Karajá]

(76) ... como **mercado** altamente **desenvolvida**... [M. Karajá]

(77) ... **essa tema contextual, ela** é muito importante para todos nós... [T. Karajá]

(78) ... eu arrumei **uma serviço** na aldeia Xambioá... [M. Karajá]

A tabela 2 ilustra essa configuração:

Tabela 2 – Frequência de ocorrência das variantes em função do gênero do N núcleo do SN

| Gênero do N núcleo do SN | Concordância realizada plenamente | Concordância não realizada plenamente | Total de ocorrências/ porcentagens |
|--------------------------|-----------------------------------|---------------------------------------|------------------------------------|
| Masculino | 667/98% | 15/2% | 692/45,8% |
| Feminino | 717/88% | 101/12% | 818/54,2% |
| TOTAL | 1394/92% | 116/8% | 1510/100% |

A frequência de elementos em que a concordância de gênero não ocorre plenamente é maior em contextos em que o N núcleo do SN é feminino (12%, contra 2% para nomes masculinos) e terminado com o tema *a* (13%, contra 2% de N com tem *o* e 5% com nomes de tema *e*).

Assumindo-se que, no caso da concordância gênero em português, a distinção da forma e da interpretação é mais claramente reconhecível por causa dos nítidos papéis que a diferenciação masculino-feminino desempenha, quando aplicada a substantivos animados e inanimados, e que nos primeiros, a oposição se correlaciona com a distinção semântica de sexos, mas nos últimos o gênero é arbitrário, desvinculado de uma categoria semântica lexical, apenas classificando os vocábulos em classes mórficas distintas (PEREIRA, 1987, p. 3 apud LUCCHESI, 2000, p. 153), buscou-se verificar a variação na concordância de gênero a partir do traço semântico [animacidade] do N desencadeador dessa relação. As frequências são apresentadas na Tabela 3:

Tabela 3 - Frequência de ocorrência das variantes em função do traço [animacidade] do N

| Traço [Animacidade] | Concordância realizada plenamente | Concordância não realizada plenamente | Total de ocorrências/ porcentagens |
|---------------------|-----------------------------------|---------------------------------------|------------------------------------|
| N [- animado] | 1134/91% | 108/9% | 1242/82,2% |
| N [+ animado] | 260/97% | 8/3% | 268/17,8% |
| TOTAL | 1394/92% | 116/8% | 1510/100% |

Os resultados percentuais apontam para a maior tendência de variação em contextos nos quais o N do SN tem o traço semântico [animacidade] marcado negativamente. A conclusão óbvia é de que a diferenciação semântica em relação ao sexo do referente é um ponto importante para a marcação da concordância de gênero na aquisição e/ou no uso de uma segunda língua. Em N cujos referentes são [- animado] em português a distinção masculino-feminino se torna menos transparente, favorecendo a não marcação do gênero nessa língua.

A observação da variação em função de cada falante aponta para a relevância do grau de contato dos indígenas com a sociedade não-indígena, e com o português, como um importante fator favorecedor da marcação plena de gênero. Do total de 21 usuários do português, 3 apresentaram marcação categórica de concordância de gênero. O que destaca-se dessa configuração é o fato de esses 3 usuários residirem na Aldeia Buridina, em Aruanã-GO. A história recente desta aldeia, localizada no centro urbano da cidade, revela o grande contato com a sociedade envolvente e com a língua portuguesa. A língua Karajá, nesta localidade, passou por grande risco de um total desuso, salva graças a projetos de revitalização da língua e da cultura. Além desses três falantes, dois outros residem na mesma aldeia, apresentando, também, baixos índices de não concordância (5% e 6%).

Das 7 variáveis testadas na análise multidimensional, o VARBRUL 2S (PINTZUK, 1988) apontou como estatisticamente relevantes as variáveis *ambiente sintático em que ocorre a concordância de gênero, o gênero do núcleo desencadeador da concordância, falante e período em que os dados foram produzidos*. A Tabela 4 apresenta os resultados percentuais e os pesos relativos de cada fator, no processamento de 1139 dados:

Tabela 4 – Frequências e pesos relativos dos fatores atuantes na não
marcação da concordância de gênero

| Variáveis | Fatores | ocorrências com concordância não realizada plenamente e % | Peso Relativo |
|---------------------------|---------------------------------|---|---------------|
| Ambiente Sintático | Sintagma Nominal | 57/6% | .41 |
| | Relação SN – Predicativo | 30/50% | .95 |
| | Relação SN – Retomada anafórica | 21/22% | .83 |
| Gênero do N | Masculino | 14/3% | .23 |
| | Feminino | 94/14% | .71 |
| Falante | J. A. Karajá | 3/4% | .26 |
| | L. K. Karajá | 17/17% | .54 |
| | M. K. Karajá | 6/10% | .68 |
| | P. K. Karajá | 8/8% | .62 |
| | I. P. Guarani | 1/1% | .05 |
| | A. K. Javaé | 5/5% | .47 |
| | M. W. Melo | 8/15% | .67 |
| | M. Karajá | 14/11% | .71 |
| | I. K. Karajá | 2/3% | .33 |
| | T. Karajá | 2/5% | .69 |
| | We. Karajá | 7/18% | .67 |
| | Mh. Karajá | 11/25% | .88 |
| | R. I. Karajá | 7/14% | .77 |
| | Wa. Karajá | 4/4% | .36 |
| | V. M. Karajá | 6/9% | .53 |
| | Tx. Karajá | 7/21% | .77 |
| Período de escrita | 1º semestre de 2007 | 59/11% | .58 |
| | 2º semestre de 2007 | 44/13% | .64 |
| | 1º semestre de 2008 | 5/2% | .19 |
| Input | | | 0.04 |

A partir dos resultados expostos, conclui-se, mesmo inicialmente, que a não marcação da concordância de gênero na variedade do português utilizada pelos Karajá é influenciada tanto por fatores lingüísticos quanto por extralingüísticos. Relações extra-sintagmáticas (entre N e Predicativo e entre N e Anáfora pronominal), menos coesas sintaticamente, são as que mais favorecem a ausência de marcas de concordância, principalmente se o N for feminino. Acredita-se que a configuração da língua Karajá, sem marcas flexionais de gênero para adjetivos e participios, característicos de contextos predicativos, e sem mecanismos de anáfora com flexão em gênero, influencie o uso do português pelos indígenas.

Os falantes que mais favorecem a não marcação da concordância são de regiões com menor contato com a sociedade envolvente, especialmente da Ilha do Bananal, apesar de a variação ser atingida pelo grau de escolarização e tender a diminuir proporcionalmente com o aumento no contato com variedades mais formais do português.

CONCLUSÃO

A análise preliminar da variação na concordância de gênero no português escrito por índios Karajá demonstrou ser influenciada por fatores lingüísticos e extralingüísticos bastante nítidos. Dos fatores lingüísticos observados, destacam-se o ambiente sintático em que se atualiza a relação de concordância, dos quais as relações sintáticas menos coesas como a predicativa e a anafórica favorecem a não marcação da concordância; o gênero do N núcleo do SN desencadeador da concordância, em que contextos com N femininos tendem a variar mais do que os masculinos e o traço [animacidade] do N, em que se observa uma tendência maior de variação em contextos em que o N é [-animado]. A explicação para essa configuração relaciona-se com o fato de nomes [-animados] perderem a referência distintiva dos sexos masculino e feminino, úteis na diferenciação e na marcação do gênero.

Os fatores extralingüísticos testados demonstraram que o grau de contato dos falantes com a sociedade não indígena, e com variedades mais formais do português, são influenciadores das tendências de marcação da concordância de gênero. Os Karajá residentes na Aldeia Buridina, urbana e com grande contato com a sociedade não indígena envolvente, apresentaram altas frequências de realização de concordância, ao passo que, os falantes com pesos relativos mais altos, habitam regiões de menor contato e maior uso do Karajá nas interações comunicativas.

No âmbito de um projeto para a história lingüística de Goiás, acredita-se que a compreensão das variedades lingüísticas sincrônicas surgidas no contato podem lançar luzes sobre a constituição histórica da realidade lingüística dessa região.

Admitindo-se a heterogeneidade constitutiva do português brasileiro, tomado a partir de variedades específicas, tanto diatópica quanto diacronicamente (OLIVEIRA, 2001), argumenta-se que, na região do Araguaia, local de pertencimento étnico dos Karajá, e também de outras etnias indígenas, o contato entre o português e as línguas indígenas foi mais constante e massivo do que com línguas africanas, dado o caráter tardio da colonização e do ciclo de mineração em Goiás. Assim, a observação das relações entre o português e as línguas indígenas torna-se fundamental para a compreensão das mudanças sofridas historicamente pela língua portuguesa (cf. NASCIMENTO, 2007).

No entanto, como adverte Lucchesi (2000, p. 88),

[s]e assumirmos a importância crucial do contato entre línguas na formação da realidade lingüística brasileira, resta o desafio de explicar como certas características que seriam provenientes de um possível processo de transmissão lingüística irregular se manifestam em variedades do português brasileiro faladas por segmentos sociais que não tem uma história efetiva de contato entre línguas.

Partindo desta advertência, o desenvolvimento desta pesquisa tem como perspectiva a ampliação e o refinamento da análise dos dados, da diversificação das amostras, incluindo dados de fala de comunidades indígenas, não indígenas, afro-descendentes e de outras que não apresentam em sua história o contato massivo e direto com etnias diferentes para a observação da implementação de fenômenos variáveis.

Da mesma forma, a busca por evidências e indícios documentais sobre a realidade lingüística de região e dos contatos lingüísticos nela ocorridos torna-se agenda privilegiada, e necessária, para a (re)construção de um passado lingüístico marcado pela heterogeneidade e que, acredita-se, esteja refletido na diversidade lingüística observada em Goiás.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GIRALDIN, O. Povos indígenas e não indígenas: uma introdução à história das relações interétnicas no Tocantins. In: GIRALDIN, O. (org.). **A (trans)formação histórica do Tocantins**. 2ª ed. Goiânia: Ed. UFG, 2004. p.109-135.

LUCCHESI, D. **A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira**: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. Inédito.

MATTOS E SILVA, R. V. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

NASCIMENTO, A. M. **A variação na expressão do dativo em variedades lingüísticas rurais goianas**. Dissertação de Mestrado. Goiânia: UFG, 2007. Inédito.

NASCIMENTO, A. M. Atividades de reescrita de textos numa sala de aula intercultural. In: PIMENTEL DA SILVA, M. S.; BORGES, M. V. (orgas.). **Experiências pedagógicas construídas no curso de Licenciatura Intercultural da UFG**. Goiânia: Ed. UFG, 2008a. No prelo.

NASCIMENTO, A. M. **Elementos para a história lingüística de Goiás: o projeto de civilização indígena de Couto de Magalhães e o Colégio Isabel (1870-1888)**, 2008b. Inédito.

OLIVEIRA, G. M. Matrizes da língua portuguesa no Brasil meridional: 1680 – 1830. In: MATTOS E SILVA (orga.). **Para a história do Português Brasileiro**. V. II: primeiros estudos. Tomo II. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2001. p. 401-420.

PIMENTEL DA SILVA, M. S. A educação na revitalização da língua e da cultura Karajá na Aldeia de Buridina. In: **Revista do Museu Antropológico da UFG**. v.3/4., n.1, 2000. p. 65-74.

PIMENTEL DA SILVA, M. S. **A situação sociolingüística dos Karajá de Santa Isabel do Morro e Fontura**. Brasília: FUNAI/DEDOC, 2001a.

PIMENTEL DA SILVA, Maria do Socorro. **O Papel do Mito na Revitalização Cultural da Língua Karajá**. Tese de Doutorado em Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001b. Inédito.

PINTZUK, S. **VARBRUL Programs**, 1988. Inédito